

Escritos e re-escritos da arte afro-brasileira *Writings and rewritings about Afro-Brazilian art*

Igor Simões

Este dossiê tem uma vontade primeira: reunir em apenas um lugar textos que estavam dispersos. Desde sítios virtuais, páginas e capítulos de livros, até as anotações que cercam as mesas e cadernos de nossas autoras e autores. Aqui, existia a vontade de pôr todas essas vozes em coro. Não em busca da harmonia, mas antes para que estivessem juntas, ainda que por vezes se toquem pela dissonância. Como, porém, dar conta de tanto? como e onde recortar? Era necessário, portanto, fazer algumas escolhas.

Como em todo processo de seleção, montagem e articulação, foi preciso lidar com as perdas e suas prováveis ausências sentidas.

Uma linha, todavia, unia as escolhas: era imperativo que todas as histórias aqui contadas fossem tecidas por autoras e autores negros e suas elaborações intelectuais. De fato, aqui se quer apresentar de forma introdutória alguns nomes e empreendimentos intelectuais de autores negros brasileiros e contemporâneos.

Não haveria condições de dar conta da enorme fortuna que acumulamos, pelo menos desde o século 19, em termos de reflexões sobre a “mão afro-brasileira” na arte local.

Escolhemos então, um recorte: textos e pensamentos contemporâneos elaborados sobre, com e a partir de uma noção de arte afro-brasileira ou uma arte preta no Brasil. Se existem consensos, eles estão no reconhecimento dessa nomenclatura como uma categoria política. Estamos ou deveríamos estar distantes da ultrapassada e modernista ideia de arte preta como tema, escolha formal ou um limitado número de manifestações.

Existe entre os artistas, curadores, historiadores, educadores e críticos aqui presentes a compreensão de que não estamos presos a qualquer tipo de pauta que nos limite. Ao longo dos textos, simultaneamente, percebemos um compromisso ético de ainda debater as questões que envolvem a racialização e sua relação com o sistema de arte no Brasil.

Sob uma mirada superficial podemos, nos últimos anos, ter a equivocada sensação de que, enfim, vencemos a olimpíada desonesta dos sistemas de arte brasileiros. Afinal é perceptível maior presença de artistas negres nas exposições nacionais da última década, mesmo em galerias e, conseqüentemente, nas feiras de arte. Nos últimos anos, mesmo as coleções de museus canônicos parecem ter percebido que precisam de artistas negres – embora nem sempre se garanta a saída desses artistas da reserva técnica, a não ser que a exposição seja “temática”. Parece que ficamos tão visíveis, que alguns de nós temos defendido o direito à opacidade. Será, contudo, que isso de fato nos garantiu um lugar perene no debate sobre arte brasileira? Será que ultrapassamos a hifenização, a nota de rodapé, o canto de página, de sala, de *display*? Esse é um debate longo. Mesmo expressões como arte brasileira podem nos soar hoje com uma violência insondável em tempos anteriores. Brasileira? Junto com o historiador da arte Kleber Amancio, tenho pensado na necessidade de se marcar essa arte que se pretende neutra e que inventa e é inventada junto com a necessidade dos seus outros: negros, indígenas, toda uma multidão de outros que são marcados para garantir a pretensa neutralidade da tal “arte brasileira”. Talvez seja melhor chamarmos essa de arte branco-brasileira. Esse pensamento não vem distante das formulações de Abdias do Nascimento e tantas outras.

Aqui neste dossiê essa pesquisa ecoa o escrito da artista, professora e pesquisadora Renata Felinto, que em seu ensaio adjetivou a história da arte no Brasil como uma pálida história. Essas percepções e esses alinhamentos se encontram sem se igualar em um conjunto de investigações que, a partir de pensamentos pretos, tem posto em estremecimento e potência de queda a casa-grande (e outrora estável) da arte no Brasil. Obviamente, nada começa aqui. Há sobreposição de gerações e gerações que nos antecedem. Há, antes de nós, Manuel Querino e sua empreitada que, muitas vezes, na falta de reconhecimento de sua especificidade foi apontado como uma espécie de Giorgio Vasari negro e baiano. Ora, como se fosse possível, como se fosse preciso. Imagine-se Giorgio Vasari na base de um humanismo assentado sobre a desumanização, tendo de escrever em uma parte do mundo que nem ao menos lhe concedeu o direito de ser humano.

Há antes de nós Abdias, Munangas, Araujos. Há Cecília Calaça. Muitos desses nomes e suas contribuições são referenciados pelas autoras e pelos autores

aqui reunidos. Exemplo disso pode ser verificado no exercício historiográfico profundo, agudo e preciso do curador e antropólogo Hélio Menezes. Há ainda, nas páginas seguintes, artistas históricos, como Heitor dos Prazeres, que intitula e direciona o relevante texto de Renata Bitencourt, já sendo ela uma referência entre pensadoras pretas brasileiras no difícil terreno da história da arte.

Heitor pode ser gancho para pensar outros modernismos além daqueles que aparecem em texto de minha autoria, em que a experiência semanista se mostra associada ao modernismo paulistano autoproclamado brasileiro e como continuidade de uma tradição de essencialização e perversidade nos enquadramentos de artistas pretos na história da arte branco-brasileira.

Se aqui pouco citei nossos artistas, não se trata de uma coincidência. Ainda que, muito abaixo do necessário, quando pensamos em arte afro-brasileira, nomeamos um bom número deles de diferentes épocas. Muito menos do que deveríamos se não tivesse havido a tentativa (eu disse a tentativa) de apagamento.

Parece, no entanto, ainda haver nesse terreno um espaço muito menor e cheio de adversidades para aqueles que estão com a pena na mão: historiadores e críticos de arte, curadores, educadores. Lembro sempre de uma entrevista de Conceição Evaristo com Aderbal Freire Filho, em que, perguntada sobre a presença do negro, a autora reforçava que, em relação ao negro brasileiro, à possibilidade de criação parecia estar sempre associado aquilo que é sensorial: nossa dança, nossas comidas, nossos esportes, nossos cantos, nossas artes. Garantir o negro como figura intelectual, entretanto, era sempre algo adiado e pouco visível em nosso assimétrico e perverso país. Atentemos: corpos negros têm trabalhado em diferentes frentes. Muitos de nós, estamos exaustos, aliás. De maneira adocedora temos tido de cobrir as frentes da poética, da crítica, da educação, da história e da curadoria, muitas vezes simultaneamente. De fato, a mobilidade dos agentes nos ecossistemas contemporâneos de arte é uma das marcas do nosso tempo. Em nossos corpos e mentes, porém e como sempre, a sobreposição é um fardo ainda mais pesado.

Pensando em nossos corpos, parece-me possível afirmar que esse tem sido um dos principais lócus de apresentação, embate, revisão e representação quando olhamos para a potente cena da performance negra brasileira. Fabiana Lopes e Alexandre Bispo comparecem em nosso dossiê com um texto que busca

dar conta de um registro desse momento de profusão dessa produção. Enquanto escrevo sobre isso, penso nas palavras de Rosana Paulino – sempre ela – que em recente fala na Pemba-Residência Preta questionava se também não poderíamos a partir da performance interrogar os acessos e interdições de mulheres negras a outros materiais e possibilidades para a criação artística.

Ainda com Fabiana Lopes, aporta aqui um pensamento que possa aproximar a produção de mulheres pretas do Brasil de outras experiências poéticas que compõem nossa inserção afrodiaspórica. No texto, Fabiana apresenta um pouco de sua curadoria na Bienal 12, do Mercosul, que teve sua abertura adiada em função da pandemia e passou a existir em plataformas virtuais.

A pandemia que, nos últimos dois anos e meio aprofundou a pobreza e a morte em meio àquelas e àqueles que tentam existir apesar do Brasil tão nefasto. Esse Brasil que está no freio da blazer que Marcelo Campos traz como mote para refazer uma importante caminhada no campo da pesquisa em arte no país. De alguma forma, Marcelo Campos resume a formação a que fomos todos submetidos em um passado muito recente (por vezes ainda presente) em nossas trajetórias no campo da história da arte. Peço licença, mesmo que a citação seja longa, pois ela espelha esse quadro.

A escola formalista das artes, aquela que se arrepiava à citação de textos literários, estudos sociológicos ou referências às identidades nacionais, jamais abria campo para que pudéssemos relacionar arte e cultura sem que caíssemos em discussões, bibliografias, construções metodológicas ligadas a autores distantes de quem estudava sociedade; inevitavelmente, autores da sociologia da arte eram lateralizados frente a Giulio Carlo Argan, por exemplo. A mim diziam “leia Arnold Hauser”, talvez um dos compêndios de arte dos mais enfadonhos com que tive contato até hoje. Hauser, para falar de arte, remonta às questões mais amplas, focalizando a literatura, comparativamente, sem chegar ao presente, analisando fatos e recorrências seculares. E eu, interessado nos quintais dos terreiros, nos barracões e pejis, onde tinha contato, desde criança, com a rica simbologia dos orixás.

Felizmente, hoje, o enorme número de pesquisadores, curadores e educadores pretos em estado de trabalho constante vem alterar esse quadro, agregando

novas configurações para a própria compreensão do que sejam estudos em história da arte. As tarefas, no entanto, ainda são enormes. Entre elas, citaria aquela que recentemente tem tomado minhas indagações: a quase completa ausência do Brasil nos estudos de uma arte afrodiaspórica no contexto internacional. Os motivos são muitos e ainda os estou investigando. Atraí, porém, a curiosidade epistemológica de um pesquisador indagar o que leva o maior destino do tráfico de gentes quase não aparecer em trabalhos de referência absoluta, como aqueles empreendidos por autores do norte global, como, por exemplo, a produção do historiador Kobena Mercer.

Ao levantar a pergunta uma série de respostas apressadas nos surge. A função do pesquisador, no entanto, é ir além da pressa, demorar-se sobre problemas e indagações, como fazem as autoras e os autores aqui reunidos.

Há ausências. Ao fim do trabalho, percebemos que as escritas aqui recolhidas abrangem um período de pesquisas completamente baseadas em perspectivas cisgêneras, embora artistas sejam citadas no corpo dos textos.

Enquanto organizo este dossiê, tenho viajado por diferentes geografias deste enorme e assimétrico país. As pesquisas que envolvem o projeto “Dos Brasis: arte e pensamento negro” têm escancarado o quanto desconhecemos ainda as diferentes particularidades de artistas pretes sítadas em contextos que não são hegemônicos nesse debate. Há que olhar, por exemplo, para um Pará que já no século 19 possuía entre seus principais e mais influentes artistas a figura de Crispim do Amaral: pintor, cenógrafo, ator, músico que se impõe como referência na arte produzida no contexto das Amazônias. Ainda que essa enorme e indispensável parte do país se tenha projetado como território de quase ausência de negres. O mesmo vale para o Sul do Brasil, onde uma vigorosa produção vem em curso desde pelo menos o início do século 20, se acentuando nessas décadas iniciais do século 21.

Ainda, precisamos enfrentar o debate sobre a recente e desejável ascensão de artistas pretes no mercado de arte, sem desconsiderar as pressões que têm sido impostas pelo interesse comercial por uma mesma e monocórdica produção, que se se apresenta de enorme fôlego, mas acaba por obliterar artistas que produzem para além de um tema visualmente reconhecível dentro do que se entende por afro-brasilidade.

Como vemos, as frentes de estudos para pesquisadores pretos no campo da arte afro-brasileira são muitas. Este dossiê, no entanto, apresenta aquilo que nos ajudou a ir além de uma arte tão profundamente branco-brasileira.

Que estes textos nos lancem adiante, ampliem o debate, como já tem acontecido em diferentes trabalhos e nessas proposições que aqui se reúnem. A todes uma boa leitura e que nos encontremos, juntas na empreitada de escrever a história da arte de mais de 57% dos brasileiros.

Igor Simões *é professor, pesquisador, historiador da arte e curador.*

Dossiê recebido em junho de 2022 e aprovado em julho de 2022.

Como citar:

SIMÕES, Igor. Dossiê Escritos e re-escritos da arte afro-brasileira. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 28, n. 43, p. 191-196, jan.-jun. 2022. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n43.11>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>